

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

**TEMA
“CINEMA E MEMÓRIA”**

**RELATÓRIO
PROJECTO FINAL
A JANELA DA MINHA MÃE**

Tiago Soares
M3248

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CINEMA E MEMÓRIA.....	2
PRÉ-PRODUÇÃO	3
Ideia e nota de intenções.....	3
Sinopse e concepção do guião	5
Caracterização das personagens.....	6
Abordagem Estética	7
Produção	7
Realização.....	8
Direcção de Actores	8
PÓS-PRODUÇÃO	9
Montagem e som	9
CONCLUSÃO	9

Anexo 1 - GUIÃO

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este último ano lectivo de Mestrado foi "*Cinema e Memória*". Ao ter de me debruçar sobre o tema decidi prontamente preparar o meu filme através do seguinte ponto: A negação do presente. É possível, no meu ponto de vista, após uma experiência traumática, crer genuinamente viver dentro de uma memória. Por outras palavras, ser condicionado pelo passado em omitir os factos e viver o mesmo dia repetidamente. Imaginar onze anos reduzidos e adulterados no mesmo e constante sábado. Esta clausura mnemónica torna-se possível quando existe um elemento vinculador capaz de prender uma pessoa ao passado. Este elemento é a Saudade, sentimento tipicamente português.

A *Janela da Minha Mãe* é um misto de fantasia e repulsa. Eis que nasce Margarida, personagem principal do filme. Margarida crê inocentemente no regresso dos seus familiares e encontra-se incapaz de admitir o seu abandono. Antes de Margarida aparecer perante os olhos do espectador, ela é inexistente, o seu aparecimento coincide com a sua nascença. Quando "viva" aos nossos olhos, o seu vulto, os seus gestos e as suas acções, colocam margarida numa posição de "Fantasma", ou de ser "não-vivo". "Fantasma" ou "Não Viva", por ter decidido negar a sua própria existência em detrimento da esperança. Margarida levanta-se todos dias pensando que é sábado. A presença evidente do seu abandono é velada pela da fantasia.

Margarida foi inspirada em Miss LonelyHeart do filme *Rear Window*, de Hitchcock, que tal como ela, é inspirada no irreal. Ambas procuram existir sob o pretexto de esperar por alguém. Mas ao contrário de Miss LonelyHeart, Margarida está completamente embrenhada da realidade, afastada do resto da civilização, o seu único conforto é a casa e as tarefas domésticas. Ela defende-se da ausência através do quotidiano, os pratos, os talheres, os copos e os lençóis servem de referência para fazer viver a ilusão. Estes objectos, mudos e sem vida, ganham uma preponderância tal para ela, que acabam por permitir Margarida de sonhar. Refugiada no quotidiano, ela espera e desespera pela Família. A esperança, simbolizada por uma janela, é um elemento crucial do filme. Inspirada no filme *Quatro noites com Anne*, a janela irrompe nesta história enquanto elemento de transição, a sua existência é essencial para conseguir separar a fantasia de Margarida, do mundo real e cruel de Luís e Leandro, personagens principal do filme *A Janela da minha*.

CINEMA E MEMÓRIA

Antes de começar a falar de cinema, preciso primeiro de explicar qual é o meu conceito de memória. A memória é deveras um dos elementos mais complexos do ser humano. Sem ela seria impossível compreender o que nos rodeia. Estaríamos perdidos, incapazes de nos movimentar, de falar, de caminhar, de entender e de aprender. A memória condiciona todas as nossas acções e os nossos desejos. Ao depararmos com o passado apercebemo-nos das nossas acções, e procuramos enfrentar o futuro. O passado serve de ponte para entender o presente. É necessário conhecer, ou seja, aprender para ser capaz de enfrentar as dificuldades. A memória tem a capacidade de conduzir as nossas acções. Logo, se nos encontramos inabilitados de sair da mesma recordação, encontramos-nos condicionados em permanecer iguais.

Mas a memória também pode ser cruel. Ela consegue assombrar-nos. As razões podem ser diversas, a causa pode ser um passado menos conseguido, ou falhado, recordar uma vida feliz e ver-nos perante um presente desolado. E para muitos superar uma recordação pode ser deveras complicado. Um passado não resolvido pode segurar uma pessoa que procure desesperadamente compreender "o que é que lhe aconteceu". Este passado complexo e penalizador pode transformar-se num fardo, uma cruz, na qual, a não obtenção de respostas nos pode amarrar.

No cinema, o tema da memória é tema bastante comum. Filmes como *O Memento* ou *Unknow* abordam este tema. Não será difícil imaginar um enredo em que a personagem principal desconhece o seu passado, e por isso vê-se obrigado a desvendá-lo. Ou vice-versa, uma personagem que procura desvendar o passado de outra pessoa que sofre de amnésia. Existem dezenas, centenas, milhares de filmes com um "plot" similar. A memória no cinema é muitas vezes visto enquanto um elemento necessário para desenvolver a história, ou para fundamentar o "twist" final do filme. No caso da *Janela da Minha Mãe*, a memória enquadra-se perfeitamente na rotina da personagem. Este ciclo constante que segura as amarras da história, têm por intuito definir a monotonia e a solidão. O passado pode ser controverso mas não pode ser mudado. Margarida recusa-se em acreditar nisto.

PRÉ-PRODUÇÃO

Ideia e nota de intenções

A ideia do filme *A Janela da Minha Mãe* surgiu num sonho. Imaginei-me, por trás de uma janela a observar uma mulher que dançava enquanto preparava o jantar. Ao deparar-me com este o sonho, eu sabia desde já, que o jantar que ela estava a confeccionar estava destinado a não ser saboreado, porque ninguém ia aparecer. Eu, imaginava esta mulher enquanto a minha mãe, uma dona casa amorosa que todos os dias preparava a mesa, e que no final, acabava sempre por comer sozinha. Eu, filho inocente, estava proibido de entrar dentro de casa e por isso, via-me obrigado em assistir a cena através da janela. O título apareceu de forma natural e comecei a escrever. Desmembrei o filme em três capítulos, para conseguir conta-lo melhor. Optei por pensar num filme com poucas personagens, intimista capaz de transmitir algo de verdadeiro no meio desta mentira toda que é o cinema. Afinal o Cinema é uma Mentira, e é pela mentira que o Cinema representa que decidi criar uma personagem tão cruel como Luís. Só através da ficção é que seria capaz de imaginar uma história tão terrível. Precisava de alguém suficientemente mau para se aproveitar da fragilidade de Margarida. Luís é um homem falhado, incapaz de segurar a mulher, ele vê-se encarregue de um filho. Luís que nunca teve jeito para nada, quanto mais para ser pai, menospreza a inocência do filho. Ele entende que a inocência é *handicap*, algo que nos enfraquece perante os outros. Leandro, por outro lado, foi todo ele imaginado, enquanto uma criança doce e tenra que nunca conheceu a mãe, e anseia por conhece-la. É na minha perspectiva de todo natural que quanto Leandro se cruza com Margarida, que tanto desespera por um filho, acabe por considerar esta "mãe" que trata como tal a sua própria mãe. A ausência de alguém que nós amamos, é o elemento que faz avançar a história. As três personagens do filme sentem falta de conforto, e "do" Alguém capaz de os amar. Ao cruzar-se, nesta casa onde a tristeza governa e a esperança perdura, o choque de realidades destrói toda perspectiva de relação possível. A vontade é tal em considerar o "outro" enquanto nosso, que no final nada resulta. Esta ideia foi concebida e articulada, sobre a falsa noção de relação. Imaginar a pessoa que se encontra ao nosso lado enquanto a pessoa que nós "queremos" que se encontre ao nosso lado. Falsear a realidade e as acções do "outro" para conseguir ama-lo.

Com o filme *A Janela da Minha Mãe* quis fazer um filme que conseguisse retratar a Saudade e a Solidão. Sinceramente, quis fazer um filme português. Eu fui influenciado por vários filmes e vários livros. Um filme como *A Palavra* de Carl Dreyer, influenciou-me profundamente na estética e na narrativa do filme. Falar das diferentes crenças e realidades que chocam no mesmo espaço. Achei por bem fazer uma história simples. Simples nas acções, mas ambíguas nas reacções. Desenvolver o enredo por entre as paredes do quotidiano e através do sofrimento. As mentiras que nós inventamos para conseguir sobreviver. Pensei em aproximar a ficção da realidade, ao inventar personagens confusas, destabilizadas, com indefinição nas suas acções. Ser demasiado cego para conseguir ser lógico e racional, abandonando-se por completo numa única e mesma fé. Ser irracional, é algo de completamente humano. Negar os factos para conseguir viver melhor. Querer o impossível, poder mudar o passado. Mostrar a contradição das pessoas, a crueldade a sobrepor-se a inocência e a gentileza. Mostrar as consequências do medo.

Ao pensar o filme, decidi distinguir duas realidades. A realidade de Luís e de Leandro, e a realidade de Margarida. Separar de forma mais evidente possível estes dois mundos, que no terceiro capítulo acabam por se juntar. Os planos de Margarida são na sua maioria todos eles mais estáveis, mais parados, evidenciado o carácter de espera, enquanto do outro lado da Janela, a visão Luís e do Filho são muito mais cru e movimentada. Estes pormenores são essências para delimitar a divisão entre os dois filmes. O filme de Margarida, em que ela deambula sobre as marcas do seu próprio conto, e o filme de Luís, um filme mais austero, mais violento de um pai que não consegue lidar com o filho. Estes dois filmes vão dar vida a um terceiro filme, e no último capítulo da curta-metragem "A Mãe", as diferentes realidades iram colidir.

O filme foi feito a preto e branco, por entender que devia retratar a história de forma claramente ficcional. *A Janela da Minha Mãe* foi pensado de forma meramente alegórica. Imaginar um conto negro, transposto para o grande ecrã. A vida não é a preta e branco, e as características teatrais de certas personagens vêm acrescentar ao filme algo de essencial, os pequenos papéis que cada um de nós desempenha para conseguir lidar com o "outro". As pessoas mais vulneráveis são aquelas que são sinceras e genuínas, por elas darem demasiado de si, por elas serem demasiadas transparentes, por elas serem fáceis de controlar. O interesse rege a maioria das nossas acções.

Quero com isto filme, mostrar que a identidade é condicionada pelo "outro". Pela dificuldade que existe em desprender-nos da imagem que os outros têm de nós. É neste

misto de ficção e de incompreensão que este filme ganha vida.

Sinopse e concepção do guião

O guião foi escrito em cerca de três meses. Escrevi metade do guião numa semana, e voltei a escrever o resto três meses depois. Tentei escrever algo que não fosse apenas um guião, mas uma história independentemente. Pensei em desenvolver algo de cíclico, ou seja, uma história que acabasse no princípio. Dividi a história por três capítulos: "A Janela", "O Conto", "A Mãe". Entendi que era necessário desenvolver uma história tripartida, para facilitar o entendimento do público. O guião foi reescrito cerca de quatro vezes. O conto serve de separador entre o primeiro e o terceiro capítulo e procura contextualizar Margarida dentro do filme, e dar a conhecer a história da família Lobo. O segundo capítulo é também importante para preparar o terceiro capítulo. Ao ler o segundo capítulo acabamos por ter uma ideia diferente de Margarida e da moradia Lobo. O terceiro capítulo, ou a conclusão do filme.

Margarida Lobo é uma mulher solitária que acorda todos os dias com a esperança de voltar a ver a família. Ela está condicionada a mesma rotina. Após varrer, limpar e cozinhar, margarida janta só, sem ninguém para acompanhá-la a mesa. Ela reza pelo regresso dos seus familiares, e depois de rezar, margarida continua com a sua rotina até se ir deitar. Um dia margarida vislumbra uma criança através da janela e acredita ingenuamente que se trata do seu filho. Na realidade, aquela criança é filho dum homem que procura Margarida para lhe entregar uma carta. O pai e o filho são ambos pobres e esfomeados. Ao pensar que margarida não estava em casa Luís, o pai e Leandro, o filho procuram um sítio por dormir. Sem ter comido nada durante o dia todo, os dois deitam-se esfomeados. Ao acordar, Luís apercebe-se que o filho já não se encontra com ele. Luís descobre o filho em casa de Margarida a almoçar. Luís fica furioso com o filho. Margarida entra em cena e trata Luís como se fosse o amante dela, e Leandro como se fosse o filho. Luís que se encontra esfomeado aproveita-se da situação para comer. Luís assume o papel de Fernando (suposto amante e irmão). Ao ver que Margarida insiste em apelidar o filho de Daniel, Luís farta-se da situação e decide ir embora. Num momento de loucura Luís viola Margarida. Mas o que ele considera violação, Margarida considera Amor. Leandro assiste a cena toda através da Janela. A história termina com Luís a ir-se embora, e com Margarida a repetir a prece inicial, desejando o regresso dos "Lobos"

Caracterização das personagens

Margarida Lobo

Margarida é uma criança de 27 anos. Ela age de forma infantil, ao ser incapaz de ultrapassar o passado. Ela é uma pessoa destroçada incapaz de avançar com a sua vida. Margarida Lobo é uma mulher doente, impulsiva e apaixonada que consegue esconder o seu sofrimento com as tarefas domésticas. Tomar conta da casa é a única coisa que ela sabe fazer, ela não consegue distanciar-se dos seus deveres. Margarida é religiosa e crê numa força superior capaz de recuperar o passado. Ela acredita que Deus a acompanha e a ajuda. Ela é uma Mãe sem filho para cuidar. A solidão é algo que perturba seriamente Margarida, é por esta razão que ela gosta de pensar que a família saiu e voltará brevemente. Dia após dia, após dia, ela acredita com cada vez mais força nesta mentira. Ela não consegue admitir a sua solidão. Margarida vive num mundo aquém das outras pessoas, a fantasia de ter uma família permitem-lhe continuar a viver e a ser feliz. Ela não consegue pensar em si fora daquela casa e longe daquela janela. Margarida Lobo e a Casa são inseparáveis.

Luís

Luís é um homem de 40 anos. Ele é rude e viril. Luís é pobre e nunca conseguiu manter um trabalho por causa do álcool. Luís perdeu a Mulher, na qual batia, ela fugiu para longe dele, deixando o filho para trás. A mulher de Luís sentiu-se incapaz de tomar conta do filho por ele também ser filho de Luís. A ideia de Luís ser pai assustou a mulher. Horrorizado com acto, ao ver que uma Mãe capaz de abandonar o próprio filho. Luís considerou que todas as mulheres deste mundo eram malvadas e é incapaz de se relacionar com ninguém. Forçado em educar o filho, Luís têm tremendas dificuldades em relacionar-se com ele. Ele não consegue mostrar afecto para o filho. Mas por outro lado, Luís sabe que Leandro é tudo o que lhe resta e não consegue afastar-se dele.

Leandro

Leandro tem 11 anos e nunca conheceu a Mãe. Ele ainda é uma criança que tarda em crescer. A inocência do rapaz fazem-no crer que Margarida possa talvez ser a Mãe dele. A ausência duma figura Materna, e violência da figura Paterna, tornam

Leandro num jovem que não quer crescer até conhecer a Mãe. Ele sente falta de tudo o que as outras crianças tiveram, uma Mãe que o amasse.

Abordagem Estética

Em termos estéticos pensei em apoiar-me em filmes como "o Lenço Branco", "O Piano" e como referido na nota de intenções, "A Palavra". Defendi uma fotografia a preto e branco para o primeiro e o terceiro capítulo, e uma fotografia bastante estilizada no "conto", ou seja no segundo capítulo com um azul e um verde bastante vincados.

Queria que o preto e branco fosse capaz de transportar as nossas personagens para um passado, de certa forma, "intemporal". O filme foi sempre pensado a preto e branco, O Pedro Orvalho que esteve na fotografia fez um excelente trabalho com o pouco tempo que nós tínhamos disponível. Tenho pena de apresentar o filme com uma fotografia inacabada por descuido da minha parte na correcção de cor. Ainda não consegui entregar a montagem ao Pedro para ele tratar da correcção.

No caso do conto, as duas cores predominantes aplicadas foram, o verde e o azul. Por considerar que estas duas cores sejam capaz aludir ao onírico. Utilizamos directamente dois filtros diferentes em frente a câmara para sermos capaz de reproduzir o efeito pretendido.

Em relação aos adereços, pensei num conjunto minimalista, em poucas coisas. Apenas o essencial para construir a curta, talheres, pratos e copos. Mande fazer o vestido de Margarida e Desenrascamo-nos para a restante indumentária. A mesa, que já se encontrava na casa, foi de certa forma perfeita, bem eu ela pudesse cair a qualquer altura, o seu desmazelo e a sua crueza ofereceram ao filme um universo desconcertante.

Produção

Tive a sorte e o privilégio de trabalhar com uma equipa incrível. Escolhi a professora Manuela Penafria para ser a minha orientadora. A professora ajudou-me imenso com os detalhes do guião. Inicialmente o guião estava muito "tosco", a minha orientadora ajudou-me em aprimorar a minha ideia, sempre prezando pela minha liberdade criativa. Fernando Cabral e Inês Lebreaud ajudaram-me na produção do

projecto. Ele contactou a equipa que aceitou toda ela participar, ajudou-me no mapa de rodagem, tratou da alimentação e do alojamento, tenho muito que agradecer ao Fernando. Produzir este filme foi algo de complicado por várias razões: Dificuldades orçamentais, conseguir arranjar actores dispostos em participar numa cena sexual, destacando de todas estas dificuldades, a mais grave foi sem dúvida encontrar a "Tal" casa isolada. Tivemos durante meses na procura da casa ideal. Quando faltavam apenas cerca de uma semana para a rodagem é que conseguimos a tal habitação. A casa nos foi gentilmente cedida pelos escuteiros da Covilhã, que nos deixaram completamente a vontade para filmar lá dentro.

Outro ponto crítico da produção foi arranjar os actores. Margarida Carvalho aceitou desde logo entrar no filme, o Rodrigo Antunes, a criança, veio por ser irmão duma amiga seja não era actor profissional. No caso do Jorge Mota, ele aceitou o papel duas semanas antes da rodagem. Depois de conseguir combinar as datas todas com os actores, vi-me obrigado em filmar "A Janela da Minha Mãe" em apenas três dias por causa das suas disponibilidades. Felizmente as coisas correram para o melhor e conseguimos agendar uma data capaz de agradar a toda a gente.

Realização

A rodagem revelou ser mais difícil que o previsto. Jamais esperei passar por tantas dificuldades. Sendo este o primeiro filme que eu realizei, senti tremendas complicações em lidar com uma equipa tão vasta. Tentei ser o mais coerente possível nas minhas opções. Procurei realizar o meu filme da melhor forma que eu consegui. Vi-me forçado a tomar decisões rápidas por causa de estar a ficar sem tempo.

Gravamos a curta em três dias. No primeiro dia gravamos as cenas todas com a margarida. No segundo preocupei-me mais com o Jorge e com o Rodrigo. E no terceiro gravamos as cenas finais. Posso agradecer a ajuda do David, que sem ele teria sido impossível acabar o filme.

Direcção de Actores

Procurei estabelecer uma relação amistosa com os actores para conseguir criar confiança suficiente para as cenas mais complicadas do filme. A minha inexperiência nesta área revelou ser fortuita para a aprendizagem. No primeiro dia

estava um pouco tenso, mas ao longo da rodagem consegui ter mais confiança para pedir cenas mais ousadas.

O caso da criança foi mais complicado. É sempre difícil lidar com crianças, exigir dos mais novos compreensão e calma. O Rodrigo foi sem sombra de dúvida, um rapaz difícil de lidar, como a sua experiência como actor era nula, ainda mais difícil se tornava. No último dia de rodagem, o rapaz revelou ter mais calma, e conseguir fazer as coisas que eu lhe exigia.

PÓS-PRODUÇÃO

Montagem e som

A montagem foi um processo longo e demorado. A versão do filme que eu vou apresentar, não é a versão definitiva. Existem ainda muitas coisas para melhorar, desde a correcção de cor, ou preenchimento das ambiências sonoras. Tive de cortar imensas algumas cenas porque o Rodrigo olhou para câmara.

CONCLUSÃO

Este filme, ou projecto, foi uma experiência intensa de dolorosa. Não vou confundir este filme com a experiência dum parto, mas de facto, foi deveras difícil dar a luz. Margarida aparece perante os nossos olhos enquanto uma memória viva. Espero ter conseguido com este filme exprimir tudo aquilo que me consome por dentro.

ANEXO 1

Guião Técnico

A Janela da Minha Mãe

ECRÃ PRETO
Som do Vento.

CAPITULO.1: A JANELA

11 ANOS DEPOIS

MUSICA: MAZURKAS, OPUS 7, 2.

INT. SALA/COZINHA. DIA

MARGARIDA (27 anos), "embalsamada" num longo vestido preto usando um lenço preto. As olheiras de Margarida encontram-se sulcadas por um cansaço laborioso. Margarida é uma Mulher bela mas desgastada. Ela arruma a Sala/Cozinha. A

casa, despida de qualquer artifício moderno, apresenta-se rudimentar. Uma mesa pequena e vacilante encontra-se no meio da sala; a ela juntam-se cinco cadeiras, um pêndulo, encostado à parede e os restantes elementos que conferem ao espaço as características duma Sala/Cozinha. Enquanto Margarida passa a vassoura pelo chão e se assegura que a comida esteja pronta, ela dança, como que enfeitiçada, pela música de Chopin. Os seus gestos são lentos, amplos e suaves. Margarida senta-se, após colocar toalha, pratos, talheres e copos. A MÚSICA ACABA. Margarida de face crispada começa a rezar. Desdobra o terço que têm na mão e começa a murmurar a seguinte Prece.

Margarida

É a si meu Senhor que lhe Rogo os meus
"Amores". É no Prazer da Espera que me
apercebo do Engano das Horas e da Solidão.
Porque o Dia é decerto seu e a Noite
eternamente minha. Aguardo no meu Pranto o
regresso dos Lobos, pois ambos sabemos que
uma Cria jamais perdurara no Esquecimento.
Cuidai daqueles que me são Queridos.
Respiro a certeza que ora Perdidos, o Nosso
Pai, Dono de toda a criação, Mostrar-lhes-á
o Caminho para Casa, onde um Prato Quente,
um Copo Cheio e uma Cama Acolhedora Espera
por Eles.

Ámen

Margarida coloca a comida em todos os pratos e come só. Acabado o almoço, afasta-se da mesa, lava o seu prato e sai de casa. Os restantes pratos e talheres permanecem na mesa.

EXT. FRENTE JANELA DE CASA. DIA

Margarida estende a roupa, maioritariamente branca, pelos fios, que servem de estendal, colocados sobre dois pedaços de madeira carcomidos.

INT. SALA/COZINHA. NOITE

Margarida entra em casa, coloca a comida no interior dum saco de batatas e olha através da janela. Ela encontra-se sentada em frente à janela enquanto tricota uma camisola.

INT. QUARTO. NOITE

Margarida veste um roupão largo. Ela acaba de lavar os pés numa pia e empurra-a para debaixo da cama. Margarida deita-se. É necessário referir o quanto o quarto é estreito e a cama é ampla. A cama ocupa quase toda a superfície do

quarto. Um espelho, a medida de margarida, acomoda o local e uma vela ilumina a divisão. Margarida afaga o cabelo com uma escova, enquanto ela contempla o seu reflexo. Margarida sopra a vela e adormece.

EXT. CAMPO. DIA

Um homem de 40 anos, vestindo uma camisola de flanela, branca, deslavada, rota e amarrotada, calças castanhas escuras; o Todo, revestido por um suspensório, também ele, castanho, cruza o campo. O homem caminha murmurando algo...

Homem
(murmura)

Pediram-me para lhe entregar uma carta.
O Fernando pediu-me para lhe entregar uma carta. Ele disse que era importante. Deve saber quem é... O Fernando. Ele obrigou-me a prometer que eu não a abria, eu disse-lhe que não sabia ler, mas ele não quis saber. Esta carta é para si. (pausa) Margarida...
Pediram-me para lhe entregar uma...

Acompanhando, esta agitada e viril personagem, encontra-se o filho de 11 anos, que além de pequeno e sagaz, é também tímido e necessitado. O miúdo carrega um saco. LEANDRO o filho, e LUÍS o pai dirigem-se para a casa Lobo. Leandro segura tenazmente a mão do pai e observa atentamente as redondezas. Luís diz ao filho enquanto olha para a frente

Luís
(nervoso)

Não te preocupes Leandro é só entregar a carta e voltamos para casa.

Leandro fita o pai que não corresponde ao olhar do filho. Os olhos de Luís, pousados na moradia Lobo, indicam a certeza das suas palavras.

Leandro
(voz doce e melodiosa)
E se não 'tiver ninguém?

Luís vira-se para o filho e responde.

Luís
Esperamos...

Luís e Leandro aproximam-se da casa. Luís manda o filho esperar um pouco. Luís bate à porta e espreita pela janela. Ninguém lhe responde, então Luís pergunta:

Luís
(acenando o envelope)
Está aí alguém? Margarida... Margarida!
Pediram-me para lhe entregar uma carta.
O Fernando pediu-me... Ele disse que era importante. Deve saber quem é... O Fernando.
Ele obrigou-me a prometer,... a prometer que não a lia, eu disse-lhe que não sabia ler, mas ele não quis saber. Margarida?

INT. CASA. DIA

Margarida esconde-se ao lado da janela. Margarida segura a camisola que ela estava a tricotar. Ela ouve Luís mas não lhe responde. Margarida está radiante mas receosa. Um sorriso devora-lhe a cara.

EXT. CASA. DIA

Luís continua a rondar a habitação mas Margarida não lhe responde.

Luís
Margarida?

Enquanto Luís espera por uma resposta, Leandro observa com curiosidade os lençóis colocados no estendal. O vento empurra os lençóis com tal violência. Os lençóis parecem a dançar.

INT. CASA. DIA

Margarida coloca-se na extremidade da janela e olha para Leandro.

Margarida
Daniel...

EXT. CASA. DIA

Leandro continua a observar os lençóis. Ele vislumbra uma janela e um vulto. Pareceu-lhe ter visto alguém dentro de casa. Ele aproxima-se da janela.

INT. CASA. DIA

Margarida encosta-se de novo a parede e respira. Leandro espreita pela janela, não vê ninguém.

Luís

Leandro! Anda.

EXT. CASA. DIA

Leandro desata a correr para o pai e cai. O pai aproxima-se do filho e levanta-o com violência. Leandro não chora mas encontra-se visivelmente abalado. O Pai limpa o filho com uma violência desmesurada.

Luís

Não está cá ninguém. Vamos ter de passar a noite cá fora. Espero que não te tenhas esquecido da comida.

Leandro apanha o saco que ficou no chão devido a queda. E tira um pedaço de pão recesso. Luís olha para o pão e bate na mão do filho. O pão cai para o chão. Luís agarra o filho pelos colarinhos.

Luís

Só trouxeste isto!? O resto?

Leandro olha para o pai com uma expressão de arrependimento.

Luís

Isto é merda Leandro. Nós não vamos comer merda. E agora? Agora, diz-me Leandro, o que é que nós vamos comer?

Leandro vira a cara para chão. O pai levanta-lhe o rosto com agressividade. Apercebendo-se da tristeza do filho, Luís pousa suavemente a mão no rosto de Leandro.

Luís

Endireita-te. Vá... não sejas criança. Limpate.

Luís baixa-se para apanhar o pão.

INT. CASA. DIA

Margarida assiste a cena toda segurando intensamente a camisola que estava a tricotar. Ela sussurra a janela.

Margarida

Não sejas duro com ele, Fernando. Ele não passa dum bebé, coitado. Daniel, o pai está chateado com a mãe, não é contigo. É comigo. Esqueci-me de preparar o almoço. Esqueci-me do jantar. Esqueci-me...de...

Margarida afasta-se da janela visivelmente agitada. Ela procura alguma coisa. Encontra uma faca e começa a cortar o pão.

EXT. CASA. DIA

Luís corta o pão recesso. Ele encontra uma evidente dificuldade em trespassar a côdea. Luís sorri enquanto corta o pão. Leandro olha para a janela.

Luís

Vê lá. Era isto que tu querias comer?
Prova.

Luís oferece o pedaço de pão cortado ao filho. Mas Leandro continua a olhar para a janela. Luís toca no filho e dá-lhe o pão. Leandro segura o pão e olha para o pai. Coloca o pão na boca e tenta mastigar.

Luís

Parece pedra.

Leandro cospe tudo para o chão.

Luís

Agora percebes. Temos de encontrar alguma coisa para comer.

Luis e Leandro afastam-se da casa.

INT. CASA. DIA

Margarida prepara o jantar com um entusiasmo fulgurante. Após confeccionar o jantar todo, Margarida senta-se e aguarda pelos convidados.

EXT. CAMPO. ANOITECER

Luís caminha com o filho. Luís distanciado vários metros do filho aparenta estar chateado. Ambos se encontram esgotados, o passo é lento e o respirar ofegante.

Leandro

Pai... Pai! Estou cansado...

Luís
Eu sei filho. O pai também está... Cansado.

Leandro
Podemos parar um pouco? Está-me `doíem-me os pés...

Luís
Tem calma. Estamos quase lá...

Leandro
Quase onde?

Luís vira-se repentinamente para o filho e grita.

Luís
Eu não sei! Leandro, a verdade é esta: Não Faço a Puta da mínima ideia para onde é que estamos a ir. Mas uma coisa é certa, se não te tivesses esquecido do jantar, não estaríamos a caminhar! Hoje ninguém come.

Luís pára.

Luís
Vamos dormir.

Leandro
Mas...

Luís
Mas o quê!? Não querias descansar. Agora deita-te e cala-te.

INT. CASA. NOITE

Margarida olha para fora da janela.

Margarida
(sussurra)
Boa noite...

FADE OUT

CAPITULO.2: O CONTO

O LOBO E A JANELA

INT. CASA. DIA

Era uma vez uma Janela que habitava uma casa isolada. Outrora, na sua juventude, a Janela testemunhou o **namoro** de dois irmãos. Margarida apaixonara-se por Fernando. Mas começemos pelo principio... Esta, é a história duma família e dos seus Lobos. António Pedro Lobo, o pai, sonhava com uma casa longe de tudo e de todos. Um dia, ao ouvir falar em terras tranquilas, o **Velho Lobo** decidiu partir. Na promessa de encontrar o lugar idílico para construir o lar dos seus sonhos, levou consigo a mulher, Ana Margarida Lobo, e os seus dois filhos, Margarida e Fernando Lobo.

No dia da partida, o Velho Lobo desfez-se dos mapas e da bússola. Porque, segundo Ele: "Deus não inventou Mapas nem Bússolas para indicar onde nascem os sonhos". António, fiel ao seu instinto, acreditava conseguir levar a sua Matilha à Bom Porto. A viagem revelava **ser um Acto de Fé**. Perdidos na filosofia do pai, os Lobos avançavam através do "dito", da Palavra e da Crença. Margarida tinha adoecido e, pouco a pouco, a fome apoderou-se do estômago das nossas Personagens.

Após longos e demorados meses, o pai exausto e faminto, parou. A fome tinha vencido a família Lobo, e a **Morte** pairava por cima dos corpos emagrecidos de Margarida e Fernando. Ofegante e lacrimoso, António vislumbrou uma macieira. O seu fruto saciou os Lobos; António e Ana Margarida construíram ali o seu lar. A Moradia Lobo deu à luz uma curiosa Janela. O tempo passou, as crianças cresceram e a desgraça instalou-se junto ao parapeito dos Lobos.

Chovia intensamente, no dia em que a Janela assistiu ao desaparecimento da Mãe.

A filha ouviu, por sua vez, falar na palavra Paixão. Num último e profundo suspiro, postulado sobre o seu leito de morte. A mãe, confessou-lhe, ter procurado desesperadamente a paixão do Velho Lobo, mas António, um marido indiferente, sempre

a repudiou. Ao ouvir tal palavra, Margarida perguntou ao irmão o seu significado. Igualmente inocente, Fernando foi exigir uma explicação ao pai. Enquanto Fernando interrogava o Pai sobre o significado da Paixão, Ana Margarida morria só e angustiada.

A Família Lobo permaneceu de luto desde então. O Velho Lobo tornou-se severo e hostil para as crias. A recordação de Ana Margarida, espelhada no rosto de Fernando e no nome de Margarida, conduziu António ao silêncio e à solidão. Margarida e Fernando, desprezados pelo pai, passaram a depender um do outro. Desta dependência resultou a paixão, e desta paixão resultou a **Carne**.

Margarida passava tardes inteiras à Janela, tinha ganho o hábito de observar o irmão. Um Lobo apaixonara-se por outro.

Seduzida pela ternura de Fernando, ela desejava repousar nos seus braços. Por seu lado, Fernando, apreciava a candura e delicadeza da Irmã. Duas almas tornaram-se uma. Margarida beijou o irmão e Fernando deixou-se enternecer pelo momento. Um momento de paixão que engravidou a irmã.

Margarida procurou desesperadamente ocultar o nascimento do futuro neto ao avô. Mas o Velho Lobo reclamou-lhe um marido. Margarida ajoelhou-se e apontou prontamente para o céu. "Foi Deus", "A Vontade de Deus" dizia ela.

António Pedro, Lobo enraivecido, expulsou o filho de casa. Como em qualquer despedida fruto dum amor incompreendido, ouviram-se lágrimas e gritos. Fernando, assolado pela culpa, jurou nunca mais voltar; Margarida, assaltada pelo amor, prometeu aguardar o regresso do irmão.

Um vento de tristeza fazia-se sentir pela Moradia Lobo. Brisa essa, que não escapou a Janela de Margarida. Ela antecipara há muito, a chegada da tempestade. Um Lobo nasceu...

A Cria conheceu a Luz, nos braços hostis do avô. O Velho Lobo, não tardou em colocar o neto dentro dum saco, e atira-lo a um lago. Daniel, vítima do seu sangue, viveu menos de uma hora.

António Pedro, ferido pelo arrependimento e chacinado pela vergonha, afastou-se da

Janela da filha e aproximou-se de um penhasco.

Jamais esperou acabar no ódio. Lembrou-se uma última vez da filha. Um Velho Lobo chorou... Um Velho Lobo Saltou...

Desta triste, dramática e infelizmente infeliz história, resta-nos Margarida, única sobrevivente da tragédia que irrompeu no seio da família Lobo.

CAPITULO 3: ERA UMA VEZ UMA MÃE...

FADE IN.

EXT. CAMPO. DIA

Luís abre os olhos. Ele encontra-se um pouco desorientado. Luís apercebe-se da ausência do filho. Desvairado, só e irritado, ele levanta-se. Luís perscruta o local em busca de Leandro. Anda às voltas e finalmente pára. Ele decide voltar a casa dos Lobo. Ele percorre o caminho inverso e chega à moradia Lobo. Vê a porta entreaberta e possuído pela recordação da porta trancada. Ele entra de rompante.

INT. CASA. DIA

Leandro está sentado na ponta da mesa. A mesa encontra-se repleta de comida. Os pratos estão abarrotados de arroz. As maçãs estão no meio da mesa dentro duma cesta. Elas estão situadas mesmo ao lado da cesta do pão fresco. Luís olha para o filho que come sem preocupações.

Luís
(irritado)

O que é que tu pensas que estás a fazer?

Leandro levanta a cabeça e vê o pai. Assustado, Leandro pára de se empanturrar. É neste preciso instante que entra Margarida com uma panela na mão.

Margarida
(doce e delicada)

Chegaste. Senta-te. Estávamos à tua espera.

Luís
(surpreendido)

Margari...

Margarida atropela a constatação de Luís e dirige-se para o Leandro.

Margarida

Daniel. Eu disse-te para esperares pelo teu pai.

Margarida dirige-se novamente para o Luís. E beija-o na cara.

Margarida

Senta-te querido.

Margarida pousa a panela na mesa. Luís toca-lhe nas costas e ela vira-se. Leandro volta a comer enquanto o Pai conversa com Margarida.

Luís

(nervoso)

Desculpe. Eu não sei o que é que lhe deu na cabeça para entrar desta forma. Mas não se preocupe, ele será castigado... (Pausa) Margarida? Margarida, certo? Eu 'tou aqui, porque pediram-me para lhe entregar uma carta. O Fernando... pediu-me para lhe entregar uma carta...

Margarida interrompe Luís pela segunda vez.

Margarida

(dirigindo-se para Luís)

Escreveste-me uma carta Fernando?

Luís

Nã...não, não. Eu não sou o Fernando. Meu nome é Luís. O Fernando é meu vizinho. Nós moramos na mesma aldeia. Foi ele que escreveu a...

Margarida apercebe-se que Daniel está comer. Luís continua a falar para os móveis.

Luís

(baixinho)

...carta. Não fui eu.

Margarida

Daniel, eu já te disse para esperares! E tira os cotovelos da mesa. Desculpa Fernando. Diz...

Luís

Ele chama-se Leandro e não Daniel.

Luís olha para Margarida intrigado enquanto ela se senta.
Margarida fita Luís.

Margarida
Senta-te querido, a comida está a
arrefecer.

Luís, atrapalhado com a deixa senta-se de imediato.

Margarida
Fernando, não comes?

Luís
Eu devo-me ter enganado de casa. Não
percebo, é que...

Margarida
(irritada)
Come! (pausa) Porque é que não te calas e
comes? Eu esperei por vocês e tu... mesmo
assim... não reconheces a tua casa, a tua
mulher, o teu filho.

Margarida desata a chorar. Luís tocado pelo momento diz

Luís
Não chores, Margarida. Eu estou confuso... é
só isso.

Luís, hesitante, pega no garfo e começa a comer. Ao ver o
suposto marido alimentar-se, Margarida pára lentamente de
chorar. Luís esfomeado vai aumentando a cadência. O garfo
chega cada vez mais depressa a boca. O rosto de Margarida
ilumina-se à medida que o mesmo garfo atinge o "estômago".
Ela olha para o filho que demonstra um gosto equivalente ao
pai em relação a gastronomia de Margarida. Um sorriso
preenche-lhe a cara.

Margarida
Gostas?

Luís
(com a boca cheia)
Adoro...

Margarida
E tu, meu anjo?

Leandro acena com a cabeça enquanto come.

Margarida

Muito bem.

Margarida

(dirigindo-se ao Luís)

Já há muito tempo que não comíamos todos juntos. (pausa) Eu percebo que tu tenhas as tuas obrigações, mas a família deveria estar sempre em primeiro...

Luís responde no intervalo das garfadas.

Luís

Eu sei...

Margarida

(dirigindo-se ao Leandro)

Estás-me a ouvir querido, o pai é um homem muito esquecido, é preciso que tu lhe lembres que a mãe espera por vocês em casa. Coitada de mim, estou a ficar velha e cansada, já nem o meu próprio filho quer saber de mim.

Leandro pára de comer e olha para o prato de comida. Olha para Margarida e pousa o garfo. Margarida começa novamente a chorar. Luís olha para a margarida e olha para o filho que não pára de fitar Margarida com um olhar de pena.

Luís

Pronto, já chega... A brincadeira já durou tempo demais.

Margarida continua a chorar com as mãos coladas ao rosto. Luís levanta-se.

Luís

(dirigindo-se ao filho)

Vamos embora.

Leandro continua a olhar para Margarida e não presta atenção ao pai.

Luís

(irritado)

Estás surdo ou quê? (Pausa) Vá, vamos embora, levanta-te...

Luís força o filho a levantar-se e puxa-o pelo braço.

Leandro

(debatendo-se)

Não, não...

Luís

Esta senhora não é a tua mãe. Ela é doida,
não percebes isso...

Margarida tira as mãos da cara. A cara está completamente lavada em lágrimas.

Margarida

(suplicando)

Por favor, não... Não vás, esperem mais um pouco...

Fernando

(puxando o filho para fora da casa)

Margarida, eu já lhe entreguei a carta.

Peço desculpa...mas temos que ir...

Margarida sai da mesa e aproxima-se de Leandro. Ajoelha-se e agarra-lhe a mão.

Margarida

(suplicando)

Não te esqueças de mim. Não te esqueças de mim, por favor. A mãe espera por ti...

Luís

(tentando afastar margarida)

Afaste-se... (pausa) Largue o meu filho. Largue...

Margarida

(suplicando)

Eu amo-te, Daniel. Tu és o meu filho. Não o ouças

Luís separa Margarida do filho com um estalo. Margarida olha para o suposto marido.

Luís

(irritado)

Ele chama-se Leandro. (pausa) Sai... e espera por mim lá fora.

Leandro

Mas...

Luís

(irritado)

Tu e os Mas...SAI E ESPERA POR MIM!

Leandro sai pela porta fora. Luís aproxima-se de Margarida que se encontra no chão completamente desolada. Luís levanta Margarida barbaramente.

Luís

TU QUERES O MEU FILHO? QUERES ME ROUBAR O MEU FILHO.

Leandro encosta Margarida a mesa, e por trás começa a tirar-lhe as cuecas...

Luís

(sussurra-lhe ao ouvido)

Não seja por isso... Eu faço-te um filho. Um filho só teu...

Margarida

Fernando...

Luís consegue puxar o vestido para cima e viola Margarida por trás.

Margarida

(com dores)

Ai...AI, devagar...

Luís

(sussurra-lhe ao ouvido)

CHIU, CHIUUUUUU, ... Não te preocupes, é o Fernando, ele está aqui para ti, sim?

Acto sexual começa a acelerar. Luís vai com cada vez mais força por trás de Margarida que começa a soltar gemidos baixinhos. Os gemidos de Margarida são indefinidos, não conseguimos perceber se são de prazer ou de dor. Luís começa a puxar o cabelo de Margarida que se encontra preso ao lenço. O lenço cai com os solavancos do acto.

Margarida

Diz que me amas...

Luís

Cala-te!

Margarida

Fernando, por favor...

Luís tapa a boca de Margarida.

Luís
Cala-te! 'Tou quase a vir-me.

Leandro vê o acto pela porta entreaberta. Tal um voyeur, ele observa o Pai violando Margarida. Ouve-se o arrastar da mesa e os gemidos de Margarida. Uma confusão sonora envolve o espaço. Luís vem-se, e larga o cabelo emaranhado de margarida. Luís respira com dificuldade. Margarida encontra-se com a cara encostada a mesa tal um cadáver. Ao aperceber-se do feito, Luís puxa as calças para cima e sai de casa. Pega na mão do filho e com as lágrimas nos olhos afasta-se da casa Lobo. Margarida fica algum tempo com a cara virada para a mesa. Primeiro levanta a cabeça lentamente. Depois levanta-se por inteiro. Margarida encontra-se num estado lastimável. Ela aproxima-se da Janela com o vestido rasgado, e vê o suposto marido e o suposto filho afastando-se pelo prado. Toca a janela segurando o terço.

Margarida
É a si meu Senhor que lhe Rogo os meus
"Amores". É no Prazer da Espera que me
apercebo do Engano das Horas e da Solidão.
Porque o Dia é decerto seu e a Noite
eternamente minha.

FIM CRÉDITOS FINAIS

O monólogo de margarida continua durante os créditos.

Aguardo no meu Pranto o regresso dos Lobos,
pois ambos sabemos que uma Cria jamais
perdurara no Esquecimento. Cuidai daqueles
que me são Queridos. Respiro a certeza que
ora Perdidos, o Nosso Pai, Dono de toda a
criação, Mostrar-lhes-á o Caminho para
Casa, onde um Prato Quente, um Copo Cheio e
uma Cama Aconchegada Espera por Eles.

Ámen